

Programa Pastoral 2021/2022

3º Ano de caminhada Sinodal

«A alegria de caminharmos juntos com Cristo»

1. Itinerário percorrido

No primeiro ano da caminhada sinodal procurou-se sensibilizar a diocese para caminhada sinodal que se traduz numa exigência que vem do Concílio Vaticano II e que actualmente tem merecido um apelo permanente do Papa Francisco que se vai desenvolvendo nas diversas Igrejas diocesanas.

Fundamenta-se na verdade conciliar da Igreja Povo de Deus, no qual todos os baptizados participam de modo activo e consciente na vida da comunidade cristã e são chamados à autêntica corresponsabilidade na missão da Igreja.

A participação eucarística e a integração na comunidade cristã são essenciais para uma verdadeira Igreja de rosto sinodal.

A par com esta consciencialização e mobilização solicitou-se aos diocesanos, nomeadamente, aos cristãos mais empenhados na vida das paróquias e outras pessoas que se sentiram interpeladas a dar o seu contributo para a renovação da Igreja diocesana, que fizessem uma leitura dos Sinais dos Tempos, penetrando com olhar evangélico a realidade que nos envolve, no domínio da cultura, da sociedade e da Igreja.

O resultado desta reflexão originou o debate na Assembleia Sinodal que se realizou em Outubro de 2020.

Tal como exige o Concílio Vaticano II, a atenção aos Sinais dos Tempos integra-se no ímpeto evangelizador de cada comunidade cristã e de cada cristão.

Neste sentido, a partir dos desafios que se colocam à Igreja e que devem despertá-la para evangelizar em profundidade e com atenção ao

homem de hoje, lançou-se um guião que servirá de reflexão e que pretende convocar todos os baptizados para a missão da Igreja que não é outra que evangelizar.

Deste guião constavam cinco temas que dão corpo ao que se exige de uma comunidade cristã para responder à evangelização nos tempos em que vivemos. O primeiro centra-se na Igreja evangelizadora; o segundo trata da Igreja enquanto comunidade cristã promotora de ministérios e serviços eclesiais; o terceiro realça a evangelização que se realiza em diálogo com o mundo; o quarto responde ao desafio da comunidade cristã e de cada cristão se sentir missionário; o quinto desafia a Igreja a ser pobre com os pobres.

Os três primeiros temas estiveram na reflexão dos membros dos conselhos pastorais, movimentos, grupos, cristãos e outras pessoas interessadas, durante este passado ano pastoral.

Os dois temas restantes serão reflectidos no próximo ano pastoral.

Acresce ainda que, em 17 de Outubro, iniciar-se-á a preparação do Sinodo dos Bispos de 2022 sob o lema «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão». Por vontade do Papa Francisco, a primeira fase da reflexão será em cada diocese. Para nós, será uma oportunidade para consolidarmos ainda mais a nossa caminhada sinodal e de partilharmos com a Igreja Universal da nossa experiência e das nossas expectativas.

Teremos presentes os desafios que o Papa nos coloca através da celebração do ano dedicado a S. José e o ano de aprofundamento da pastoral da família.

Em caminhada sinodal envolveremos os jovens que se estão a preparar para as Jornadas mundiais, Lisboa/2023. É um acontecimento que marcará fortemente o dinamismo da pastoral dos jovens nas nossas comunidades cristãs.

Reconhecemos que a pandemia que nos tem dificultado a participação e a reunião tem impedido um trabalho pastoral organizado e linear. Por isso, é muito natural que algumas paróquias necessitem de continuar a reflexão dos temas do ano pastoral passado neste próximo.

2. Programa Pastoral 2021/2022

«Igreja Missionária/ Igreja pobre com os pobres»

2.1. Igreja Missionária

Referirmo-nos à Igreja como comunidade cristã missionária implica que todos os baptizados tomem consciência e se disponham a uma conversão pessoal e comunitária de modo a passar de uma Igreja voltada para si mesma, ritualista e sacramental, para um novo dinamismo que deve ser assumido por todos e que coloca o acento na dimensão missionária de todo o Povo de Deus.

Este facto requer uma participação activa e consciente dos baptizados na Eucaristia e na vida da comunidade cristã. Porque é na Eucaristia dignamente e autenticamente vivida que brota o dinamismo comunitário e a força evangelizadora e missionária.

a) Participação na Eucaristia que conduz à missão

O Papa S. João Paulo II, na Carta Apostólica «Novo Millenio Ineunte», referindo-se à celebração dominical da Eucaristia, sublinha que «a participação na Eucaristia seja verdadeiramente, para cada baptizado, o coração do domingo: um compromisso irrenunciável, abraçado não só para obedecer a um preceito mas como necessidade para uma vida cristã verdadeiramente consciente e coerente» (nº 36).

A situação actual coloca os cristãos «perante o desafio de testemunharem com mais força, muitas vezes em condições de solidão e hostilidade, os aspectos específicos que os identificam» (nº 36). Aliás, «um deles é a obrigação de participar todos os domingos na celebração eucarística» (nº 36).

Na verdade, «ao congregar semanalmente os cristãos como família de Deus à volta da mesa da Palavra e do Pão de vida, a Eucaristia dominical é também o antídoto mais natural contra o isolamento; é o

lugar privilegiado, onde a comunhão é constantemente anunciada e fomentada» (nº 36).

Acrescenta ainda o Santo Padre que «precisamente através da participação eucarística, o dia do Senhor torna-se também o dia da Igreja, a qual poderá assim desempenhar de modo eficaz a sua missão de sacramento de unidade».

Mas a relação da Eucaristia com a missão que se exige de todos os batizados e de cada comunidade cristã está muito nítida nas palavras do Papa Bento XVI, na Exortação Post – Sinodal «Sacramentum Caritatis», quando refere que «a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: “Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária” » (nº 84).

Através de uma frutuosa participação na Eucaristia, «havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: “Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão connosco” (1 Jo 1, 2-3)» (nº 84). Aliás, realça o Santo Padre, «verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos!» (nº 84)

Recorde-se que «a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3, 16-17; Rm 8, 32)» (nº 84).

Daí que «não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã» (nº 84).

Conclui-se deste modo que para edificar uma comunidade missionária e para alentarmos os batizados para que se reconheçam como verdadeiros discípulos missionários, exige-se a participação consciente e frutuosa na Eucaristia.

b) A comunidade cristã é verdadeiramente o agente missionário

Fomos habituados em referir o cristão muito individualmente sem exigir a sua relação intrínseca com a comunidade cristã.

Isto deve-se a um modo próprio de se sentir cristão mas também às condicionantes culturais do mundo actual. Acentuou-se o individualismo e desvalorizou-se a comunidade.

Em fidelidade ao Evangelho, ao querer de Jesus Cristo, à vida das primeiras comunidades cristãs, à contínua presença na Igreja e no mundo da experiência comunitária, feita num longo período da história da Igreja pelas ordens religiosas e pelas confrarias, e sobretudo à renovação Conciliar do Vaticano II, urge retomar a comunidade como o verdadeiro agente evangelizador e missionário.

Com este acento não se retira em nada o valor do apostolado pessoal, mas sublinha-se a necessidade que mesmo este deve exercer-se sempre por alguém que está em comunhão com os seus irmãos na fé na participação eucarística e na comunidade cristã.

O Papa Paulo VI, referindo-se à Igreja como missionária em todos os seus membros, afirma que «evangelizar não é para quem quer que seja um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial» (EN. 60). E, acrescenta que «se cada um evangeliza em nome da Igreja, o que ela mesma faz em virtude de um mandato do Senhor, nenhum evangelizador é o senhor absoluto da sua acção evangelizadora, dotado de um poder discricionário para realizar segundo critérios e perspectivas individualistas tal obra, mas em comunhão com a Igreja e com os seus Pastores (EN, 60).

Eis os critérios fundamentais para um rosto missionário das nossas comunidades cristãs.

c) Comunidade de discípulos missionários

O Papa Francisco, entre muitos sonhos que revelam para a Igreja de hoje, destaca este que se refere à missão da Igreja participada por todos os baptizados.

Das suas palavras constatamos que «a alegria do Evangelho, que enche a vida da comunidade dos discípulos, é uma alegria missionária» (EG, 21); «a Palavra possui, em si mesma, uma tal potencialidade, que não a podemos prever» (EG, 22); e ainda, «a intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão “reveste essencialmente a forma de comunhão missionária”» (EG, 23).

Daí sublinha o Papa Francisco que «fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo» (EG, 23).

O Papa mostra-se atento às dificuldades que experimentam os agentes pastorais no tempo de hoje ao referir que «hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade» (EG, 78).

E, acrescenta-se que «ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização» (EG, 78).

Daí conclui-se que «assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor» (EG, 78). Aliás, estes «são três males que se alimentam entre si» (EG, 78).

Acompanhemos o sonho do Papa Francisco e reconheçamos também nós que «em virtude do Baptismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. *Mt 28, 19*)» (EG, 120).

De facto, «cada um dos baptizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito activo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas acções» (EG, 120).

Aliás, na urgência de uma nova evangelização, esta «deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados».

d) Formar comunidades para a missão

Não tenhamos ilusões que não se vai conseguir sem empenho, persistência e continuidade, reverter o rosto das nossas paróquias e comunidades cristãs. Passar de espaços de consumo religioso, onde se vai quando se necessita ou se tem vontade pessoal, para edificar uma comunidade cristã tal como a Igreja nos exige para os tempos de hoje, não vai ser fácil.

A comunidade cristã é constituída por vários círculos de pertença. Há os cristãos que nela participam activa e conscientemente promovendo a comunhão e a partilha de dons e corresponsáveis pela missão evangelizadora da Igreja, há os praticantes rituais que estão fechados à participação e à missão, há os praticantes ocasionais que ainda têm alguma relação tradicional com a fé cristã, há os festivos que só se encontram os outros cristãos por ocasião de festas familiares ou de paróquia, há os indiferentes e afastados que embora se digam católicos não estabelecem qualquer relação com a comunidade cristã e há, ainda, os que nunca ouviram falar de Jesus Cristo e vivem como se Ele não existisse.

Cada um destes grupos de pessoas exige um tratamento próprio da comunidade cristã.

Contudo e, sem ser exaustivo, importa, por parte dos responsáveis pela vida da Comunidade Cristã, dotar o núcleo comunitário ao qual pertence o Conselho Pastoral Paroquial, o Conselho Económico Paroquial, os catequistas, os acólitos, leitores e membros dos grupos corais, os diversos movimentos e grupos de apostolado, de uma experiência de vida cristã que faça evoluir e manifeste uma verdadeira comunidade que se alimenta na Eucaristia e nos demais sacramentos, manifesta laços de profunda comunhão e sente o impeto

de evangelizar todos os outros que estão em círculos de vida marginais ao Evangelho.

Eis o grande desafio lançado às nossas comunidades cristãs.

e) A missão da Igreja no meio do mundo

Não podemos referir-nos à prioritária missão evangelizadora de todos os batizados sem termos perante nós o mundo concreto onde se desenvolve a actividade humana, o palco do mundo de hoje, com tantas tragédias e aspirações, alegrias e sofrimentos compartilhados por todos os discípulos de Cristo.

Referimo-nos ao âmbito da família, aos jovens, aos idosos, aos trabalhadores nos diversos sectores laborais, às escolas e espaços de cultura e de lazer, às associações e voluntariado social. Manifestam-se como espaços onde o discípulo de Cristo deve estar presente e de forma organizada estabelecer relações de proximidade, de comunhão e de amizade para oferecer o fermento do Evangelho que tudo renova.

2.2. Igreja pobre com os pobres

A Igreja no seu todo e cada comunidade cristã em particular, tal como cada cristão, vão tomando consciência do lugar privilegiado do pobre na evangelização do mundo de hoje. Mas não só do modo como se olha para o excluído, mas sobretudo no modo como a Igreja de despoja de si mesma, dos seus pergaminhos, das suas honras e dos seus apegos mundanos e se identifica cada vez mais ao seu Mestre, Jesus de Nazaré «que não tem onde reclinar a cabeça» (Mt. 8,20).

É precisamente neste contraste com os poderes do mundo que a Igreja se apresenta com capacidade e poder evangelizador.

Tal como afirma S. Paulo apelando à sua experiência «alegro-me nas minhas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas

perseguições, nas angústias por Cristo, pois, quando me sinto fraco, então é que sou forte» (2Cor. 12, 10).

E noutra passagem, Paulo evoca o exemplo de Jesus Cristo para nos convidar a despojarmo-nos de nós mesmos para nos enriquecermos de Cristo. Adverte dizendo «conheceis a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Qual, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer pela pobreza» (2Cor. 8,9).

Eis um grande desafio que se coloca à comunidade cristã e a cada cristão a começar por todos os que têm responsabilidades de orientar as comunidades, descobrir o mérito e na alegria sentirem-se atraídos para Cristo, o único tesouro capaz de mobilizar todo o ser pessoal e no despojamento ser transparência da única potencia evangelizadora que vem de Deus.

Daí que S. Paulo VI afirme que «a Igreja evangeliza quando, unicamente firmada na potência divina da mensagem que proclama, ela procura converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e colectiva dos homens, a actividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios» (EN, 18).

Sublinhemos desta expressão a força que vem das palavras que rezam «unicamente firmada na potencia divina da mensagem que proclama». Na verdade é esta confiança que impera no despojamento que devemos alcançar.

a) Comunidade cristã a viver as bem – aventuras

Segundo o texto do Evangelho de S. Lucas, Jesus de Nazaré no inicio da sua vida pública foi à Sinagoga em Nazaré e, uma vez entre os presentes, foi-lhe apresentado o Livro do profeta Isaías onde se podia ler: «o Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; enviou-Me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos o recobrar da vista, e mandar em liberdade os oprimidos» (Mt. 4,16-18).

Terminada a leitura afirmou: «cumpriu-se hoje mesmo o passo da Escrituras que acabais de ouvir» (Mt, 4, 21).

Este texto caracteriza a missão de Jesus de Nazaré mas igualmente determina o modo de a Igreja exercer a sua missão. Os princípios aqui enunciados são imperativo para todos os discípulos de Jesus Cristo; a sinagoga torna-se o sinal do encontro de Jesus com os seus contemporâneos e por isso, igualmente, a exigência de comunidade cristã se deslocar onde se encontram as pessoas com as suas aspirações; e o hoje determina o tempo da acção evangelizadora que é uma permanente actualidade.

Referir que esta mensagem faz parte do início da vida pública de Jesus quer também convidar-nos a colocá-la nos fundamentos permanentes da missão de todos os baptizados.

Esta mesma centralidade do pobre e o convite ao despojamento feito por Jesus de Nazaré completa-se no sermão das Bem-Aventuranças.

Tanto no Evangelho de Mateus como de Lucas, deparamo-nos com a proclamação das Bem – Aventuranças imediatamente a seguir ao chamamento dos Apóstolos. Isto significa que após chamamento, Jesus de Nazaré oferece os critérios pelos quais os seus Apóstolos devem nortear a sua vida e a sua missão.

Nesta proclamação Jesus não só convida a configurar-se consigo mas a assumir uma comunhão com os mais excluídos que leve a introduzir no mundo uma nova ordem de actuação a que chama o Reino de Deus. Verdadeiramente inflamados por este Reino de Deus, os cristãos são chamados a renovar todas as realidades do mundo.

Neste sentido, as Bem – Aventuranças começam por referir que são bem – aventurados os pobres que o são no seu íntimo...

Teremos de nos perguntar, então, se tal como Jesus para testificar que o Reino de Deus está no meio de nós podemos afirmar que «a Boa Nova é anunciada aos pobres» (Mt. 11, 5)?

Eis a inquietante pergunta que nos deve acompanhar numa verdadeira missão evangelizadora.

b) Missão evangelizadora a partir do pobre

Não se trata já tão só de realizar algumas acções em favor dos pobres e excluídos mas sim de colocar o marginalizado e o pobre como protagonistas da sua promoção e, sobretudo, aprender a partir das características do despojado como se devem organizar as prioridades da pessoa e sobretudo do cristão.

São muito fortes as expressões do Papa Francisco quando realça que «qualquer comunidade da Igreja, na medida em que pretender subsistir tranquila sem se ocupar criativamente nem cooperar de forma eficaz para que os pobres vivam com dignidade e haja a inclusão de todos, correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os Governos» (EG, 207).

E, acrescenta-se que «facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios» (EG, 207).

Mas o Papa Francisco aprofunda ainda mais a relação do baptizado com o pobre ao afirmar que «para os cristãos, as palavras de Jesus têm ainda outra dimensão, transcendente» (TF, 85). Na verdade, «implicam reconhecer o próprio Cristo em cada irmão abandonado ou excluído (cf. *Mt* 25, 40.45)» (FT, 85). E, acrescenta-se que «na realidade, a fé cumula de motivações inauditas o reconhecimento do outro, pois quem acredita pode chegar a reconhecer que Deus ama cada ser humano com um amor infinito e que “assim lhe confere uma dignidade infinita”» (FT, 85).

Por fim, «acreditamos que Cristo derramou o seu sangue por todos e cada um, pelo que ninguém fica fora do seu amor universal» (FT, 85).

Aquilo que o Papa refere dirigindo-se a toda a sociedade deve interpelar antes de mais a comunidade cristã. Diz ele que «todo o ser humano tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se

integralmente, e nenhum país lhe pode negar este direito fundamental» (FT, 107).

Aliás, «todos o possuem, mesmo quem é pouco eficiente porque nasceu ou cresceu com limitações» (FT, 107). Acrescenta, então o Santo Padre sublinhando que «de facto, isto não diminui a sua dignidade imensa de pessoa humana, que se baseia, não nas circunstâncias, mas no valor do seu ser» (FT, 107). Realmente, «quando não se salvaguarda este princípio elementar, não há futuro para a fraternidade nem para a sobrevivência da humanidade» (FT, 107).

Valem para a Igreja as palavras com as quais o Papa Francisco adverte a sociedade para o verdadeiro encontro e inclusão dos excluídos. Refere que «a promoção da amizade social implica não só a aproximação entre grupos sociais distanciados a partir dum período conflituoso da história, mas também a busca dum renovado encontro com os sectores mais pobres e vulneráveis» (FT, 233).

Coloquemo-nos perante os desafios do Santo Padre como uma forte interpelação à renovação das nossas comunidades cristãs. Façamos nossas as palavras que nos desfiam realçando que «chamada a encarnar-se em todas as situações e presente através dos séculos em todo o lugar da terra – isto mesmo significa “católica” –, a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal» (FT, 278).

c) O maior de todos os mandamentos: o amor

O Papa S. João Paulo II, voltado para o novo milénio, do qual já passaram duas décadas, ofereceu-nos um riquíssimo testemunho do que ele próprio apresenta como projecto pastoral para este tempo futuro que já começou. Refiro-me à sua Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte.

Quando se refere à urgência da vivência concreta da comunhão que se traduz na caridade afirma que «partindo da comunhão dentro da Igreja, a caridade abre-se, por sua natureza, ao serviço universal,

frutificando no compromisso dum amor activo e concreto por cada ser humano» (nº 49). Aliás, «este âmbito qualifica de modo igualmente decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral» (nº 49).

De facto, «é de se esperar que o século e o milénio que estão a começar hão-de ver a dedicação a que pode levar a caridade para com os mais pobres» (nº 49).

Dado que ninguém pode ser excluído do amor que deve animar a vida de cada baptizado e de cada comunidade cristã, através da opção preferencial por ser pobre e pelos pobres, «testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia, e de algum modo continua-se a semear na história aqueles gérmenes do Reino de Deus que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher a quantos recorriam a Ele para todas as necessidades espirituais e materiais» (NMI, 49).

A par com as tradicionais pobrezaas, refere-se hoje as novas pobrezaas que alargaram o leque dos pobres e dos que se encontram no limiar da pobreza. Deste modo, realça ainda o Santo Padre, «o cristão, que se debruça sobre este cenário, deve aprender a fazer o seu acto de fé em Cristo, decifrando o apelo que Ele lança a partir deste mundo da pobreza» (NMI, 50).

Na verdade, «trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inumeráveis manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva» (NMI, 50).

Daí o apelo do Papa quando nos interpela dizendo que «é hora duma nova “fantasia da caridade”, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna» (NMI, 50).

Eis portanto o maior de todos os desafios quando se sublinha que «devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”» (NMI, 50).

Quanto teremos de percorrer na nossa forma de ser comunidade e nas opções que tomamos para que em perfeita fraternidade, os pobres se sintam a partilhar connosco do seu ser e nós com eles dos nossos dons. Eis o caminho para a sociedade de irmãos.

d) Promover o outro como irmão

Vai crescendo a sensibilidade social para a promoção humana, cultural e social de todos os cidadãos.

A par com o socorro imediato através da esmola, importa dedicar tempo e disponibilizarmo-nos para acompanhar as pessoas em carência para as tornar a elas mesmas protagonistas do seu desenvolvimento e do seu futuro.

Pertence-nos a nós enquanto sociedade oferecer os meios materiais, educativos, sanitários, habitacionais, culturais e laborais para que aqueles que padecem de exclusão possam de forma integrada ser sujeitos da sua própria dignidade de seres humanos.

Requer-se ainda que no interior das comunidades cristãs se implemente o dever dos cristãos para acompanhar aqueles que necessitam desta ajuda.

Ser solidário, oferecendo apenas coisas materiais, é pouco. Urge comprometermo-nos como pessoas no acompanhar aqueles que por si sós não conseguem progredir na conquista do seu bem estar e na sua formação integral.

Deste modo sim seremos verdadeira comunidade de irmãos que partilham a vida uns com os outros.

«Sem esta forma de evangelização, realizada através da caridade e do testemunho da pobreza cristã, o anúncio do Evangelho — e este anúncio é a primeira caridade — corre o risco de não ser compreendido ou de afogar-se naquele mar de palavras que a actual sociedade da comunicação diariamente nos apresenta» (NMI, 50).

Aliás, «a caridade das obras garante uma força inequívoca à caridade das palavras» (NMI, 50).

3. Preparação do Sínodo dos Bispos 2022

No contexto da nossa caminhada sinodal, somos convidados a participar na preparação do Sínodo dos Bispos 2022 que tem como tema «Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão».

Em comunhão com a Igreja Universal, assinalaremos a abertura da preparação deste Sínodo no próximo dia 17 de Outubro em todas as comunidades paroquiais e participaremos na reflexão que nos for pedida de modo a valorizarmos a caminhada sinodal em que estamos empenhados e oferecermos da nossa experiência e das nossas expectativas o contributo que nos é solicitado para renovar a Igreja para melhor evangelizar o mundo de hoje.

Esta é sem dúvida uma hora de graça para a Igreja e em particular para a nossa Diocese. Mas esta hora também nos responsabiliza para respondermos com generosidade, humildade e coragem aos desafios que nos são colocados para a evangelização nos tempos em que vivemos.

4. Preparação das Jornadas Mundiais da Juventude, Lisboa/2023; o Ano dedicado a S. José; o ano de aprofundamento da Pastoral Familiar.

Em Caminhada Sinodal estamos atentos e envolvidos nos desafios que nos vêm do Santo Padre. Neste sentido continuaremos a valorizar o Ano dedicado a S. José que merece uma atenção privilegiada na missão evangelizadora da Igreja e de cada baptizado.

Igualmente, atenderemos à pastoral familiar ao longo deste próximo ano, valorizando ainda mais o trabalho pastoral que neste domínio se tem realizado na diocese.

E, ainda, os jovens devem merecer uma atenção privilegiada, não só porque a eles lhes pertence o lugar próprio na evangelização e na missão da Igreja, mas sobretudo pelo enriquecimento pastoral que pode

admirar para as comunidades cristãs da boa preparação das JMJ, Lisboa/2023.

Compete à Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal articular todos os desafios que são colocados por tão variadas iniciativas.

+João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores